

O MENSAGEIRO DE FHC

Gerson Camarotti
Enviado Especial

Pelotas (RS) e Barretos (SP) — O local era no mínimo inusitado para a presença de um ministro de Estado: um grande galpão de telhado de zinco, onde funciona nos finais de semana o Bailão e Danceteria Estrela Gaúcha.

Em vez de dançar, o titular da pasta dos Transportes falava para uma plateia de 600 pessoas formada por pequenos empresários e lideranças políticas de Fragata, bairro mais populoso da cidade de Pelotas (RS), com 130 mil habitantes. Sob um frio de seis graus, Eliseu Padilha anunciava na noite de quinta-feira investimentos da ordem de R\$ 700 milhões que seriam gastos em três projetos do Brasil em Ação 2, na região Sul do estado.

Um detalhe: esses mesmos projetos não eram novidade desde terça-feira, quando o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso lançou o programa no auditório do Ministério do Planejamento. Mas isso era o que menos importava. Padilha queria mesmo era obter dividendos eleitorais para o seu chefe.

Agasalhadas com pesados casacos para suportar o frio, as pessoas escutaram atentamente a explanação, durante 80 minutos. “Quando falo no Brasil em Ação 2, estou pressupondo que o presidente Fernando Henrique Cardoso continuará governando o país e que eu serei o ministro dos Transportes nesse período”, esclareceu Padilha, sendo aplaudido logo em seguida. Afinal, para bom entendedor, meia palavra basta.

É com essa “camuflagem” que ele está pedindo votos por todo o Brasil. “O ministro não precisa falar mais nada. Para todos que ouvirem sua palestra, fica na entrelinha que se Fernando Henrique não se reeleger as obras não acontecerão. Por isso é preciso votar com o presidente”, traduzia o ex-prefeito de Pelotas, José Maria Carvalho da Silva (PMDB), correligionário de Padilha.

Não era por acaso que o ministro dos Transportes estava naquela região. Pesquisas semanais encomendadas pelo governador Antônio Britto (PMDB), candidato à reeleição, indicavam que o presidente não estava sendo bem avaliado pelos eleitores naquela área e que o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, apresentava um dos seus melhores desempenhos no estado.

A cidade já era a terceira que Padilha visitava naquele dia no estado. Ele chegou ao Rio Grande do Sul na quinta-feira passada, no início da tarde. Sob um frio de três graus, aterrissou num jatinho da FAB em Caxias do Sul e pegou um helicóptero para a pequena cidade de Bom Jesus, no Nordeste gaúcho, onde assinou um contrato de R\$ 21 milhões para o início da pavimentação de um trecho de 28 quilômetros da BR-285 — a “estrada da maçã”.

Depois, pegou o helicóptero e voou até a cidade de Vacaria, para inspecionar a pavimentação de ou-

Marcos Fernandes



Em busca de votos para Fernando Henrique, o peemedebista Padilha (direita) passa em Barretos (SP), onde cumprimenta Paulo Maluf, do PPB, sem deixar de lado Quércia, do PMDB (ao fundo)

tros 20 quilômetros da mesma estrada. No acostamento da rodovia, uma grande placa do DNER informava que esta era mais uma obra do governo federal. Nos dois eventos, Padilha era aguardado por um pequeno batalhão de repórteres e radialistas.

Ele, aliás, já havia concedido entrevistas por telefone para as emissoras locais de rádio desde o dia anterior. “Essa é a estratégia. Quando um ministro chega numa cidade do interior ele é notícia um dia antes, durante a visita e no dia seguinte”, explica Padilha, revelando como consegue levar o nome do presidente aos grotões do país.

CAUTELA

Nessas andanças, Padilha é cauteloso. É o ministro que mais faz campanha, mas não pede voto. Comanda todas as negociações da política, mas evita usar a máquina. Em seu estado natal, o Rio Grande do Sul, faz questão de se locomover em seu carro particular para evitar qualquer acusação de oposição, mesmo tendo a maior parte da agenda reservada para compromissos oficiais.

Na manhã do sábado, foi até o es-

“QUANDO FALO NO BRASIL EM AÇÃO 2, ESTOU PRESSUPONDO QUE O PRESIDENTE CONTINUARÁ GOVERNANDO E QUE EU SEREI O MINISTROS DOS TRANSPORTES”,

Eliseu Padilha,
ministro dos Transportes

túdio onde o governador Antônio Britto está fazendo as gravações do programa eleitoral para tratar sobre a política nacional do PMDB. Na ocasião, Britto até brincou quando foi perguntado como estava sua campanha. “Ela só fica bem nas quintas e nas sextas, quando o ministro Padilha está por aqui”, respondeu. Afinal, nos seus discursos, após citar o nome de Fernando Henrique, Padilha sempre costuma dizer que a obra em questão foi uma reivindicação do governador.

Mas não é só no Rio Grande do Sul que ele faz campanha. Padilha virou um pregador das virtudes do presidente Fernando Henrique por todo o Brasil. Desde que assumiu o ministério, em maio do ano passado, ele já percorreu 380 mil quilômetros em

andanças pelo país, distância superior à da Terra à Lua (340 mil quilômetros).

No mesmo sábado em que amanheceu em Porto Alegre, Padilha pegou o avião e foi até Barretos, interior paulista, onde acontecia a festa do Peão de Boiadeiro. Foi com o pretexto de assinar um protocolo de cooperação com a prefeitura municipal para a construção de um anel ferroviário. O protocolo foi assinado em plena festa, com direito a discurso na presença de dois candidatos ao governo paulista: Paulo Maluf (PPB) e Orestes Quércia (PMDB).

Em sua explanação, o ministro, como de praxe, fez questão de ressaltar o governo de Fernando Henrique. Mas aproveitou para ajudar na campanha do presidente da Câmara, Michel Temer, atribuindo a obra a um pleito feito pelo deputado.

DESENCONTROS

Mas as viagens do ministro não são só festa. Exatamente pelo seu

caráter “eleitoral”, Padilha vem encontrando problemas em suas andanças causados por ciúmes dos próprios aliados. O maior dos pepinos aconteceu há duas semanas, quando ele esteve em Campos, no Rio de Janeiro, para assinar o protocolo da construção de um porto que facilitará o escoamento da produção de petróleo da Bacia de Campos.

Na ocasião, o candidato pefelista ao governo do Rio, Cesar Maia, acusou Padilha de favorecer o seu adversário, o pedetista Anthony Garotinho. Maia chegou a dizer que iria tomar medidas judiciais contra o ministro, mas voltou atrás depois que recebeu um puxão de orelha do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Nesta semana, Padilha continua a fazer sua maratona pelo Brasil. Irá ao Acre na quinta-feira para anunciar mais uma obra do Brasil em Ação 2: a pavimentação da BR-317, ligando o estado à Bolívia e orçada em R\$ 80 milhões. Depois seguirá para o Ceará e o Rio Grande do Norte para vistoriar obras do ministério. Em Natal, deve aproveitar para participar do comício do deputado Henrique Eduardo

Alves (PMDB-RN), que lança a sua candidatura à reeleição.

MISSÕES

Padilha tem como função fazer o meio-campo entre o presidente Fernando Henrique e o PMDB. Por causa disso, deixou de disputar a reeleição de deputado federal. Além de cuidar do ministério, Padilha tem hoje duas missões. Aos poucos, ele começa a assumir a função de negociador político do presidente com o Congresso, cadeira que ficou vaga com a morte de Sérgio Motta.

A outra missão é partidária. Ele está com a responsabilidade de reunificar o PMDB e prepará-lo para a disputa presidencial de 2002. Sem dúvida, uma carreira meteórica para esse ex-prefeito da cidade gaúcha de Tramandaí, que conseguiu o seu primeiro mandato de deputado federal nesta legislatura, aos 49 anos. Para quem comparou a cor do asfalto com o jogador Pelé — “é o preto que todo mundo gosta” — numa infeliz frase de efeito dias depois de assumir a pasta dos Transportes, Padilha está mostrando que aprendeu logo a jogar o xadrez do poder.